

À guisa de uma história do Seminário Teológico

Dom Orlando Santos de Oliveira
e Rev. Oswaldo Kickhofel

O Seminário Teológico da Igreja Episcopal Anglicana do Brasil, fundado em 1903, na cidade gaúcha de Rio Grande, escreveu uma história acidentada. Ao longo de sua tortuosa caminhada, às vésperas de completar 100 anos, foi quatro vezes fechado, três vezes transferido e quatro vezes reaberto. Conheça os altos e baixos desse tortuoso caminhar teológico no texto a seguir, escrito por Dom Orlando Santos de Oliveira, bispo da Diocese Meridional, e pelo rev. Oswaldo Kickhofel, executor do Projeto Memória.

Na primeira década de sua presença no sul do Brasil (1890-1900), a Igreja Episcopal havia se estabelecido em quatro grandes centros urbanos: Porto Alegre, Pelotas, Rio Grande e Santa Maria. O estabelecimento da igreja em novos centros urbanos exigia um número maior de ministros ordenados do que poderia ser conseguido na igreja americana. Além disso, buscar mais missionários no exterior nunca foi o ideal dos fundadores da igreja. As dúvidas levantadas quanto à formação no exterior diziam respeito ao fator desintegrador do sentimento de brasilidade. Mesmo originários de uma cultura anglo-saxônica, os missionários perceberam que estavam inseridos num contexto em que predominava a mentalidade latina. Por isso, era preciso tomar medidas urgentes visando preparar e treinar candidatos nativos. Uma igreja nacional exigia ministros nacionais. Para atingir esse objetivo foi criado o Seminário Teológico em 1903, na cidade de Rio Grande, no Rio Grande do Sul.

Não é exagero dizer que a idéia da criação de um seminário nasceu com a própria igreja. No ano seguinte da ordenação dos primeiros quatro diáconos em 1893, dois deles fizeram veemente apelo no sentido de que a igreja devia proporcionar aos futuros colegas um preparo adequado para o exercício do ministério ordenado. Um deles era o inquieto diácono Vicente Brande, que "ficou de pé reclamando nossa atenção" (*Ata da Convocação de 1894, p. 8*), porque a Convocação não havia se julgado competente para decidir sobre a importante questão. Tal apelo, no entanto, foi a semente da idéia que iria germinar mais tarde. A inquietação do diácono Vicente Brande foi o primeiro registro encontrado sobre a necessidade de instrução do clero. Já na Convocação do ano seguinte, foi aprovado um cânone, dispondo que houvesse nas convocações seguintes uma sessão dedicada à instrução religiosa, visando especialmente a escola dominical e a preparação dos candidatos ao ministério ordenado. Na mesma ocasião, foi proposto também o nome do rev. William Cabell Brown para cuidar da instrução dos futuros clérigos.

A questão foi novamente discutida na Convocação de 1896, ficando decidido, por proposta do rev. Vicente Brande, que “cada pastor que tivesse um candidato, cuidasse o mais possível da instrução desse candidato” (*Ata da 3ª Convocação, 1896, p.14*).

Numa demonstração de que a idéia do seminário aprofundava suas raízes, a Convocação de 1897 nomeou os reverendos James Watson Morris, William Cabell Brown e Américo Vespúcio Cabral para, em comissão, estudarem a possibilidade da fundação de um seminário. O resultado do trabalho da comissão foi a decisão de criar uma escola de profetas, que foi aprovada na Convocação de 1898. A mesma convocação indicou o reverendo William Cabell Brown para ser o reitor. Dois anos depois, Brown tinha sob sua orientação dois estudantes: Júlio de Almeida Coelho e Antônio José Lopes Guimarães. Tudo indicava que o embrião do seminário tinha sido lançado em Rio Grande, cidade para onde Brown havia sido transferido.

Enquanto o sonhado seminário não estava ainda efetivamente organizado, os alunos passaram a estudar com os missionários pelo método de tutoria. Para facilitar o aproveitamento nas matérias do curso de teologia, os missionários haviam instituído o sistema de permuta entre os estudantes. Assim, o jovem Carl Henry Clement Sergel, que trabalhava e estudava com o rev. James Watson Morris em Santa Maria, foi para Rio Grande para estudar e trabalhar com o rev. Lucien Lee Kinsolving, enquanto o jovem Júlio de Almeida Coelho foi para Santa Maria para estudar e trabalhar com Morris. E no concílio de 1900 o bispo Kinsolving reconheceu o início da novel instituição, não obstante o pequeno número de estudantes. A falta de candidatos era ainda o maior problema para o seminário se tornar uma realidade.

A primeira fase nacional – importante passo inicial (1903-1950)

Mas não demorou muito e os candidatos começaram a aparecer, dando condições ao Concílio de 1903 para tomar uma decisão importante: criar de fato um curso de teologia, um seminário. Em seu relatório apresentado ao concílio daquele ano, falando a respeito dos candidatos, o bispo disse que “era chegada a hora de nosso seminário se tornar realidade”. E de fato, no dia 15 de junho de 1903, o seminário se tornava uma realidade, ao dar início formal às aulas, perdendo seu caráter provisório. Como convém a uma igreja que tem em alta conta a importância dos sacramentos, as aulas foram precedidas por uma celebração eucarística, às 11 horas da manhã, na Igreja do Salvador, oficiada pelo reitor William Cabell Brown, com a presença dos lentes George Wallace Ribble e Mário de Aragão e dos seminaristas, em número de oito. Tinha sido dado o mais significativo passo adiante na história da Igreja Episcopal. A abertura do seminário foi uma vitória estupenda, pois não eram poucos os adversários da Igreja Episcopal. Quando em outubro do mesmo ano se reuniu o 5º concílio, foi com indizível satisfação que o bispo apresentou ao plenário os primeiros seminaristas que foram recebidos em plenário com demonstrações de alto apreço, tendo lhes sido concedido assento entre os conciliares.

O Seminário Teológico começou a funcionar numa espaçosa casa na rua Benjamim Constant 146, na cidade de Rio Grande. O primeiro reitor foi o rev. William Cabell Brown, que estava encarregado de ensinar especialmente hebraico, grego e teologia. Os outros integrantes do corpo docente eram os reverendos John Gaw Meem, bacharel em Ciências Físicas e Naturais e lente do Liceu de Agronomia de Pelotas, encarregado de ensinar ciências matemáticas e liturgia; George Wallace Ribble, encarregado de ensinar inglês, filosofia, história eclesiástica e "história profana"; e o professor Mário de Aragão, encarregado de ensinar português, retórica e poética.. O corpo discente estava dividido em duas turmas: os teologandos e os preparatorianos.

Da primeira turma faziam parte Lindau Ferreira, João Batista Barcellos da Cunha, George Upton Krischke e João Mozart de Mello. Do curso preparatório faziam parte Inácio de Oliveira Valle Machado, José Severo da Silva, José Brasiliense Leão e Nemésio de Almeida

O **curso preparatório** tinha as seguintes matérias: Português (gramática, composição e literatura), Inglês, Latim, Aritmética (noções de escrituração), Álgebra, Geometria, História Geral (em especial a história do Brasil), História Natural, Física, Filosofia, Retórica e Poética. O **curso de teologia** obedecia às seguintes matérias: Hebraico, Grego, Português, Introdução ao Velho e Novo Testamentos, Bíblia, Filosofia, Teologia, Liturgia, Elocução (maneira de exprimir-se oralmente ou por escrito), Homilética e Ensaio Exegéticos.

Entusiasmado com o programa do currículo, o bispo Kinsolving chegou a escrever: "Ouso dizer que não há outro seminário evangélico na república brasileira que tenha um corpo docente superior a este. Matricularam-se quatro seminaristas e quatro estudantes de preparatórios. Sou de opinião de que o curso anexo de preparatórios será para nosso ministério uma bênção tríplice. Primeiro, este curso oferece instrução nos assuntos análogos ao curso teológico, qual instrução não se pode obter em outras escolas e instituições de ensino de nosso Estado; segundo, este curso provê da disciplina moral que o mancebo também necessita, qual disciplina e atmosfera espiritual não se acha em outro lugar; terceiro, este curso anexo de preparatórios evita as questões vexatórias que têm perturbado a paz de uma igreja evangélica do Brasil central (*Atas do 5º Concílio, 1903, p. 9*).

Em 1905, o Seminário se mudou para um prédio mais confortável na rua Vileta 78. Em 1906, mais dois novos estudantes ingressam no curso de teologia: Octávio de Souza Braga e Lindolfo Collor. O concílio de 1906 elegeu o rev. John Gaw Meem para reitor, que de Pelotas viajava todas as terças e quintas a Rio Grande para administrar a instituição. Os seminaristas Luiz Alves Rolim e Lindolfo Collor (avô do famigerado ex-presidente do Brasil Fernando Collor de Mello) realizavam trabalhos missionários na cadeia da cidade aos domingos pela manhã. O seminarista Inácio de Oliveira Valle Machado fazia cultos missionários no Retouvado, na casa de Francisca Wise e depois na casa de Severino Lemos. O seminarista João Batista Barcellos da Cunha realizava cultos missionários no lugar denominado "Tesoureiro", uma zona rural, na casa de Severino Rezende, onde se reuniam em média 50

pessoas por culto. Barcellos da Cunha fazia cultos também em duas outras localidades: Mostardas e Estreito.

Já com 13 alunos em 1906, a casa então ocupada pelo Seminário se tornara exígua, o que fez o reitor procurar outra em melhores condições, obtendo uma por aluguel na rua Aquidaban nº 46. O prédio era amplo e reunia melhores condições de higiene, de ar e luz em todos os dormitórios. No mesmo local, a Legião da Cruz da Igreja do Salvador mantinha uma escola dominical com 35 alunos, dirigida pelo seminarista Luiz Alves Rolim. No ano seguinte, tendo o proprietário vendido a casa, o Seminário foi obrigado a mudar de casa outra vez, agora para a rua General Victorino 205, num prédio contíguo à Igreja do Salvador.

Em 1907, para auxiliar na disciplina interna da casa e repartir uma parte da responsabilidade com os estudantes, o reitor John Gaw Meem resolveu criar o cargo de decurião. O termo decurião significa chefe de decúria, aluno dos mais adiantados de uma escola que o professor encarrega de ensinar uma classe de outros. A função era exercida por um membro da classe teológica nomeado por ordem alfabética para servir por uma semana. Competia ao decurião zelar pela disciplina interna, fiscalizar em conjunto com a diretoria o edifício e o jardim e verificar que tudo estava em ordem e seguro durante a noite. O reitor acreditava que a função era de grande proveito, não só para a disciplina interna, como também para os próprios decuriões no desempenho de suas responsabilidades. Com pequenas variações, a função é ainda hoje exercida no Seminário Teológico de Porto Alegre, com a diferença de que o termo decurião foi substituído pela palavra *semaneiro*.

A saída da última turma dos seminaristas no final de 1908 deixou o Seminário com um só postulante, que ficou aos cuidados do rev. William Mathew Merrick Thomas, pároco da Paróquia do Salvador, e do rev. João Mozart de Mello, coadjutor, não reiniciando mais suas atividades no ano seguinte. O motivo do fechamento foi causado não somente pela falta de candidatos, mas também pelo temor do bispo de que a igreja brasileira não teria condições de sustentar um grande número de futuros candidatos. O bispo Lucien Lee Kinsolving acreditava que os fundamentos da igreja seriam mais solidamente assentados se limitasse o número de ministros nativos à capacidade da igreja de prover seu sustento depois de ordenados. Segundo o bispo, nenhuma missão seria bem sucedida, se deixasse de cumprir gradualmente sua participação na ajuda que vinha da igreja americana. Por isso, resolveu fechar o seminário, até que o clero brasileiro pudesse encontrar o sustento próprio das mãos daqueles aos quais ministravam. Mais tarde, o bispo reconheceu que o fechamento do seminário tinha sido uma decisão dura e equivocada, embora saneadora. Começa então uma prática que vai se tornar comum na história da formação teológica do clero: o abre e fecha do Seminário. A política era limitar o número de ministros nacionais à capacidade e à vontade da igreja de sustentar os seus pastores depois de ordenados. Durante o tempo de 12 anos em que esteve fechado, apenas um ministro foi ordenado, Salomão Ferraz, ex-pastor presbiteriano, que não passou por nenhum programa de treinamento teológico na Igreja Episcopal. Foi o fim da primeira fase de atividades do Seminário Teológico.

Um acontecimento importante foi a volta do reverendo James Watson Morris ao Brasil em 1920, para reiniciar as atividades do Seminário, agora em Porto Alegre. Morris tinha retornado aos Estados Unidos no início de 1903. Aceitou o convite do bispo Kinsolving de retornar ao Brasil com uma condição: que o Seminário nunca mais fosse fechado, exigência que a igreja não conseguiu cumprir. Era o início da segunda fase do Seminário. Kinsolving expressou, emocionado, sua alegria pela volta de Morris: "É só ao meu Deus em ação de graças que posso exprimir minha apreciação por este ato do irmão em assim vir ao nosso auxílio contra os fortes" (*Atas do 23º Concílio, 1921, p. 24*). As conseqüências logo foram sentidas. Em quase todos os lugares, exceto em dois, num total de 22, onde se realizavam cultos com regularidade, o trabalho da igreja era dirigido por clérigos nacionais. A reabertura estabeleceu uma nova política de expansão missionária

As atividades acadêmicas começaram no dia 11 de maio de 1920, com dois alunos matriculados: Mário Bohrer Weber e Nataniel Cabral. Não havia ainda um lugar adequado para começar as aulas. Morris foi obrigado a aceitar a generosidade do rev. William Thomas, diretor do Colégio Cruzeiro do Sul, que cedeu uma ampla sala de sua residência para as aulas, enquanto os alunos moravam provisoriamente no internato do colégio. Morris registrou em seu relatório ao Concílio de 1921: "Não estive, porém, só neste grato empenho. O rev. Ernesto Arnaldo Bohrer lecionou teologia e prática do Catecismo; o rev. George Upton Krischke deu um curso abreviado de Psicologia; e o rev. William Thomas ensinou Cânones e o Livro de Oração. A mim coube a instrução no Grego, na História Bíblica e interpretação das Escrituras. Além disso, dei aos estudantes algumas notas sobre a preparação de sermões" (*Atas do 23º Concílio, 1921, p. 42*).

Em 1921, foi alugada uma casa no bairro Teresópolis, dando condições de receber seis novos estudantes: Mário Bohrer Weber, João Timóteo da Silva, Rodolfo Centeno Rasmussen, Alberto Blank, João Appel Primo, João Timóteo da Silva e Clodoaldo Rodrigues Ramos. Uma propriedade estava disponível no bairro Teresópolis e foi comprada, graças a generosidade de uma paroquiana da Igreja da Graça de Nova York. O dinheiro foi suficiente para também construir o belo templo da Paróquia da Ascensão, que servia de capela ao Seminário e ao Colégio Cruzeiro do Sul.

Mas a história da educação teológica da Igreja Episcopal percorreu caminhos acidentados. Depois da reabertura em 1920, o Seminário Teológico suspendeu novamente suas atividades em 1933 por falta de candidatos. Os que estavam se preparando para o ministério ordenado não tinham ainda concluído o curso secundário. Foi reaberto em 1935 com apenas dois alunos, passando por inúmeras dificuldades, até se firmar na década de 50 e progredir de maneira considerável na década seguinte.

Em 1940, quando a igreja comemorou seu 50º aniversário de fundação, foi inaugurado o novo edifício, construído na propriedade adquirida em 1921, ao lado da antiga sede, onde funcionou até 1964, quando foi transferido para São Paulo. Seis anos depois, por sugestão do concílio, o reitor Orlando Batista criou a Sociedade Amigos do Seminário, com a finalidade de contribuir com ofertas regulares e especiais para o

Seminário e congregar pessoas interessadas pelo futuro da igreja no que respeitava ao preparo do clero e a manutenção dos estudantes e tudo o que se relacionasse diretamente com a vida da instituição. Foi reconhecido oficialmente como instituição nacional de ensino teológico pelo primeiro Sínodo em 1952. Mas os objetivos da sociedade nunca foram plenamente alcançados.

A segunda fase nacional – consolidação excelência (1950-1972)

Os anos 50 e 60 foram anos de consolidação e excelência. O Seminário adquiriu nesse período forma e rosto de uma faculdade de teologia, baseado nos seminários da igreja americana em sua estrutura, nomenclatura e padrões de avaliação. Foi também nesse período que se tornou membro fundador da Associação dos Seminários Teológicos Evangélicos (ASTE), criada no final de 1961.

Entretanto, a falta de um maior número de professores que qualificasse melhor o corpo docente, embora tenha sido um problema permanente, nunca afetou substancialmente a qualidade do ensino nesse período. A consequência era que havia professores lecionando um número exagerado de matérias, algumas novas e não bem conhecidas por eles. O problema foi solucionado com a ampliação do corpo docente com a inclusão de nomes conhecidos na docência teológica, tanto na ministração de aulas regulares como na condução de palestras e conferências especiais, por professores universitários e por intelectuais nacional e internacionalmente conhecidos. Entre essas celebridades estavam o filósofo José Maria Fiori, diretor do Instituto de Filosofia e professor da Universidade Federal do Rio Grande do Sul e da Pontifícia Universidade Católica; os professores de Filosofia Gabriel Brito Velho e Ernildo Stein, da mesma universidade; André Dumas, professor da Faculdade de Teologia de Paris, França, que fez uma série de conferências sobre Marxismo e Cristianismo e sobre a Ética de Dietrich Bonhoeffer; o Cônego Douglas Webster, da Igreja da Inglaterra, e o Dr. Hans Margull, ministro da Igreja Evangélica da Alemanha e diretor do Departamento de Evangelismo do Conselho Mundial de Igrejas, tendo ambos falado sobre evangelização e estrutura missionária da congregação; o professor Harding Meyer, da Faculdade de Teologia da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil, que falou sobre a obra de Paul Althaus e de Helmuth Thielicke.

Mas essas iniciativas de cunho social e político nem sempre eram bem vistas por alguns setores da igreja. No relatório que apresentou à Junta Administrativa do Seminário Teológico no final do ano acadêmico de 1963, o reitor Henrique Todt Júnior se queixava um tanto resignado: "Vez ou outra ouvimos críticas referentes ao nosso Seminário, que interpretamos como demonstração de interesse por nossa Casa de Profetas. Algumas delas temos como procedentes e construtivas, outras como ocas e vazias. Ora somos apontados como marxistas-leninistas, ora como reacionários ou

enclausurados em torre de marfim, alheios aos problemas que sacodem nossa sociedade. A posição, por cento, não é cômoda. Seria interessante, porém, que os dignos membros desta Junta aproveitassem algumas horas para conversar com os professores, alunos e funcionários desta Casa, a fim de conhecerem melhor como se vive e se trabalha aqui, estando assim melhor capacitados para dar esclarecimentos adequados sobre a instituição”.

Como parte da formação integral, foi implantado o sistema de estágio obrigatório nas paróquias nos fins de semana, enquanto a vida comunitária dos estudantes era caracterizada por uma acentuada ênfase na espiritualidade eucarística, num momento em que toda a igreja estava envolvida na controvérsia litúrgica, mostrando a riqueza teológica e litúrgica da Comunhão Anglicana e a experiência da inclusividade. Foi também nesse período que se instalou na igreja um debate sobre estratégia missionária, com a conseqüente expansão da igreja para o norte e nordeste. Parte dessa estratégia incluía a transferência do Seminário para São Paulo, polo cultural e teológico por excelência, inaugurando uma nova fase de educação teológica na Igreja Episcopal. Houve até uma tentativa para obter o reconhecimento do curso de teologia junto ao Ministério da Educação e Cultura, com o apoio da ASTE, mas o pedido foi indeferido pelas autoridades que consideraram o curso de teologia como coisa supérflua.

O ano de 1963 foi o último ano de funcionamento do Seminário Teológico em Porto Alegre. No ano seguinte foi transferido para São Paulo, onde manteve o mesmo bom nível acadêmico alcançado no sul, com uma biblioteca moderna e especializada, pelo menos, por algum tempo. Entretanto, a transferência tinha sido polêmica. Havia setores da igreja que acreditavam que o Seminário devia estar situado nos lugares onde a igreja era numericamente mais forte, como era o caso do Rio Grande do Sul, berço da igreja, pois ali havia a possibilidade de surgir maior número de vocações. Dom Egmont Machado Krischke, bispo da Diocese Meridional, com sede em Porto Alegre, era partidário dessa opinião. Outro grupo acreditava que o Seminário devia ser uma espécie de alavanca para o avanço do trabalho missionário em regiões pouco ou ainda não ocupadas pela igreja, como era o caso de São Paulo e estados vizinhos. Dom Edmund Knox Sherrill, bispo da Diocese Central, atual Diocese Anglicana do Rio de Janeiro, advogava essa idéia. Sua participação e influência no processo de transferência foram decisivas. No primeiro ano de funcionamento em São Paulo, dois alunos novos ingressaram no primeiro ano do curso de teologia: Paulo Dantas e Hiroshi Ito. Ambos haviam recentemente terminado cursos universitários, o primeiro em História no Rio de Janeiro, e o segundo em Filosofia em Tóquio, no Japão.

Como centro de reflexão teológica de alto nível, o Seminário Teológico começou o ano acadêmico de 1970 com um ciclo de conferências públicas proferidas pelo conhecido teólogo Harvey Cox. A iniciativa atraiu a elite intelectual das principais igrejas cristãs de São Paulo, como católicos romanos, metodistas, luteranos, presbiterianos, ortodoxos e batistas. Cox falou sobre a secularização e os problemas com que essa nova mentalidade desafiava a igreja moderna. Outro teólogo internacional convidado foi o pensador e escritor holandês Cornelius Adriano Rijk, professor de Exegese

Bíblica no Seminário Maior de Warmond, Holanda, e diretor do Departamento de Relações Entre Judeus e Cristãos, criado pelo Vaticano. Rijk falou sobre a Busca da Unidade Primitiva do Povo de Deus. Outro conferencista muito conhecido, convidado pelo Seminário para falar aos professores, alunos e pessoas interessadas, foi o polêmico e "subversivo" padre belga José Comblin, que estava no Brasil para preparar um documento básico para a Conferência Episcopal de Medellín, na Colômbia. O documento foi publicado nos principais jornais do país e alarmou os órgãos de segurança do governo brasileiro.

Dado o interesse que o problema social e político vinha despertando entre os estudantes durante o regime militar (1964-1985), o Seminário promoveu também uma série de palestras públicas sobre o assunto, que foram proferidas por intelectuais nacionais e internacionais, entre eles o Dr. Richard Shaull, professor do Seminário de Princeton, Estados Unidos; o padre Pedro Beltão, catedrático de Sociologia da Universidade Gregoriana de Roma; os pastores Tappenberg, von Waldof e Joachim Fischer, professores da Faculdade de Teologia da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil, abordando o tema Mensagem Social no Antigo e Novo Testamentos e na História; e o professor Leônidas Xausa, da Pontifícia Universidade Católica, sobre assuntos políticos da atualidade, entre outros. Outra iniciativa importante foi o curso de Introdução à Ética Teológica, ministrado pelo professor Georges Crespy, nome de projeção internacional e catedrático da Faculdade Protestante de Montpellier, França. O curso foi inclusive freqüentado por estudantes de teologia da Igreja Metodista e da Igreja Presbiteriana. A professora Aline Crespy, do Instituto Superior de Psicologia de Montpellier, França, também proferiu uma série de seis aulas sobre Psiquiatria e Pastoral.

O Seminário sempre foi um lugar de tensão na igreja. Como instituição de formação e reflexão teológica, era também um núcleo pensante no seio da igreja, aberto às correntes teológicas contemporâneas, onde havia livre exame e discussão das obras dos principais teólogos da época. Para os mais conservadores, esse trabalho exercia uma péssima influência no corpo da igreja como um todo. A igreja poderia perder o controle do pensamento teológico. Alegavam que a falta de uma "teologia oficial" tornaria as relações da Igreja com o Seminário mais tensas ainda. Seja como for, o Seminário sempre foi uma instituição formadora de opinião e de controvérsias.

Foi também nesse ambiente de efervescência teológica que surgiu, em 1963, a revista *Diálogo*, publicada pelo Centro Acadêmico Rev. Orlando Batista, agremiação que reunia os inquietos estudantes de teologia, sempre preocupados com a missão e o futuro da igreja. Era uma publicação de acentuado conteúdo progressista, dando um eloqüente testemunho da preocupação que existia nos setores mais arejados da igreja por uma teologia relevante e engajada na realidade brasileira. A necessidade de publicar uma revista teológica estava no fato de que os estudantes estavam convencidos de que uma igreja que não refletisse teologia em suas ações e programas perderia a capacidade de relacionar a mensagem do evangelho com as exigências e transformações da sociedade contemporânea. Os estudantes pensavam que os pregadores estavam mais preocupados com a

forma do que com o conteúdo da mensagem cristã. Por isso, era necessário investigar o que os teólogos mais conhecidos estavam dizendo e escrevendo. Enquanto alguns anglicanos mostravam certa impaciência com relação às últimas novidades teológicas, tanto no protestantismo como no catolicismo romano, a maioria dos anglicanos, especialmente no Brasil, ignorava os movimentos teológicos que estavam ocorrendo no próprio seio do anglicanismo. A revista procurava preencher essa lacuna. Os estudantes de teologia respiravam uma atmosfera de intensa atividade teológica. O CAROB, como o centro acadêmico era carinhosamente conhecido, promovia todos os anos as Semanas Acadêmicas, convidando professores de outros seminários para proferir palestras e discutir teologia e a realidade brasileira.

O mesmo grêmio promoveu também, em 1963, uma Semana Ecumênica, com a participação de ministros das Igrejas Evangélica de Confissão Luterana no Brasil, Metodista, Assembléia de Deus, Presbiteriana, Católica Romana e Episcopal, estando por duas vezes presente o Reitor do Seminário Maior Católico Romano de Viamão, que na época era Dom Ivo Lorscheiter. Alunos e professores acompanhavam com vivo interesse e preocupação a vida da nação e as transformações que estavam ocorrendo no contexto político, econômico, social e religioso do país. A ditadura militar era um desafio para professores e seminaristas.

Entretanto, o tradicional êxito da instituição coincidiu com a depressão econômica da igreja, que começou com a obtenção da autonomia administrativa em 1965 e culminou com a independência financeira nos anos setenta, não conseguindo transpor a fase do paternalismo para a fase do auto-sustento. O Seminário foi novamente fechado em 1972, quando perdeu, pela primeira vez, mas temporariamente, sua condição de instituição nacional. Desde de 1968, a formação dos futuros clérigos já vinha sendo feita de maneira descentralizada, ficando as dioceses responsáveis pela instrução teológica de seu clero por meio dos chamados seminários descentralizados. Aprovados por uns e desaprovados por outros, os seminários descentralizados eram sinais de que a igreja queria fazer novas experiências, confiando no Espírito Santo, que faz novas todas as coisas. Fazia parte desses sinais a mudança no programa do Seminário Teológico, passando as aulas a serem ministradas à noite, enquanto os seminaristas trabalhavam durante o dia para auxiliar no seu próprio sustento. Com núcleos funcionando em São Paulo, Rio de Janeiro e Porto Alegre, o número de alunos havia quadruplicado, já que os cursos se destinavam não apenas àqueles que desejavam a ordenação, mas também aos leigos que desejavam adquirir mais conhecimentos teológicos para desempenhar melhor o seu testemunho cristão no mundo.

A descentralização era um novo programa que visava levar o Seminário às dioceses, sem baixar o nível do ensino teológico, o que infelizmente não aconteceu. Em 1970, os seminários descentralizados que funcionavam em Porto Alegre, São Paulo e Rio de Janeiro passaram a se chamar Centros de Estudos Teológicos.

A educação teológica sempre foi um desafio para a igreja, especialmente para as dioceses. A falta de recursos financeiros e de candidatos de tempo integral eram os maiores problemas. Nem sempre os

bispos conseguiam enviar seus estudantes para o Seminário Teológico. A solução encontrada foi criar os Centros de Estudos Teológicos, que começaram a funcionar em todas as dioceses. Apesar dos problemas encontrados, os Centros preenchem uma lacuna esquecida pelo ensino acadêmico formal: o preparo de candidatos para o ministério auxiliar, pois os leigos também precisavam estar equipados teologicamente para enfrentar os desafios que a fé cristã propunha à sociedade secular.

Em 1968 começa a funcionar uma escola pré-primária no edifício ocupado pelo internato, embrião que depois se transformaria em colégio. E de fato, dois anos depois, em 1970, começou a funcionar nas dependências do Seminário Teológico em São Paulo o Colégio Anglicano de Santo Amaro, criado pela congregação do Seminário. O objetivo era incrementar a expansão missionária por meio da educação e equacionar os problemas financeiros do Seminário com o aproveitamento do prédio. Iniciou seu primeiro ano letivo com 60 alunos e 12 professores, que ministravam aulas do curso ginásial e de secretariado. Era diretor o rev. Odilon Silva, secretário o rev. Jaci Correia Maraschin e orientador educacional o rev. Glauco Soares de Lima. Começou muito bem e nenhum outro colégio havia crescido tanto na cidade que mais crescia no país. O corpo docente era um dos melhores, tendo a maioria dos professores feito estágio na Europa ou nos Estados Unidos. Mesmo assim, teve a efêmera duração de apenas quatro anos, tornando-se logo economicamente inviável. O fato curioso é que o seu fechamento definitivo, depois de saldados todos os débitos remanescentes do malogrado projeto, levou mais tempo do que o seu funcionamento, em função das questões legais e causas trabalhistas que se prolongaram por quase oito anos.

O fechamento do seminário em Porto Alegre em 1963 não foi por motivos de ordem espiritual, mas pela impossibilidade de os alunos se deslocarem para a capital paulista. Os Centros de Estudos Teológicos, criados para preencher a lacuna deixada pelo fechamento do Seminário Teológico de Porto Alegre, chegaram a formar alguns alunos em cursos rápidos. O Centro que melhor funcionou foi o de Porto Alegre e essa situação levou o bispo Arthur Rodolpho Kratz a pensar na abertura de um seminário regional. Uma das necessidades básicas para o progresso do trabalho da Igreja era um bom programa de educação teológica. A Junta Nacional de Educação Cristã vinha realizando encontros nacionais de treinamento de lideranças leigas. Passado o primeiro impacto do fechamento do Seminário em Porto Alegre, acentuava-se na igreja a convicção de que era necessário reestruturar a educação teológica de preparação ao ministério ordenado. Havia tentativas em algumas dioceses no sentido de criar seminários diocesanos ou regionais.

A terceira fase histórica – o nascimento da JUNET (1973-1983)

O fechamento do Seminário em São Paulo em 1972 ocorreu por várias razões: ele servia mais a alunos de outras igrejas; as controvérsias sobre modelos de formação e de teologia; professores obrigados a exercerem atividades paralelas; a crise financeira do Colégio Anglicano de Santo

Amaro, que dividia com o Seminário o espaço físico e servia de suporte financeiro; a crise financeira da igreja que não contemplava a educação teológica como prioridade. O resultado foi a dispersão da "inteligência" anglicana para outras instituições teológicas ou seculares, como foi o caso dos reverendos Jaci Correia Maraschin e Dirson Glênio Vergara dos Santos, para citar apenas duas importantes defecções do corpo docente.

Em 1973, foi criada pelo Sínodo a Junta Nacional de Educação Cristã, em substituição e para continuação do Seminário Teológico, com o objetivo de promover reflexão, orientação e coordenação em todos os setores da obra educacional da igreja, especialmente na preparação para os diversos tipos de ministério. Com isso, o mandato do reitor e o trabalho dos professores do Seminário Teológico de São Paulo deixaram de existir em definitivo. O ano de 1972 foi o último ano de funcionamento do tradicional Seminário Teológico, fundado em 1903. O ensino teológico da igreja já vinha sendo ministrado de maneira descentralizada desde 1968.

Mesmo começando com uma estrutura simples, a Junta Nacional de Educação Teológica procurou implantar um sistema nacional de educação teológica por extensão, dando origem a vários núcleos dispersos, sem prejuízo dos que já funcionavam nas dioceses. Segundo esse novo programa, a JUNET distribuiu uma bibliografia básica para cada núcleo; realizou cursos intensivos em diferentes locais; publicou um boletim com notícias e textos teológicos; promoveu simpósios para o clero na busca da unidade nacional; e distribuiu verbas. A grande contribuição do novo sistema foi ter colocado no meio do povo a questão do ministério de todos os cristãos, pois a formação teológica devia ser para todo o povo de Deus.

A única diocese resistente ao novo programa foi a Diocese Meridional, que já mantinha um seminário regional com aulas regulares e curso de três anos, ampliado depois para quatro. Isso porque a idéia de um seminário regional ou nacional continuava viva. Assim, em 1975, o bispo da Diocese Meridional, Dom Arthur Rodolpho Kratz, inaugurava o Seminário Diocesano de Teologia, que passou a ocupar o antigo prédio que, desde 1940, tinha sido a sede do Seminário Teológico de Porto Alegre até sua transferência para São Paulo em 1964. Fazia dois anos que o bispo sonhava com a criação de um seminário diocesano. A mudança para São Paulo, sob a alegação de que ajudaria na expansão missionária no centro do país, nunca convenceu o bispo Kratz, que já defendia sua permanência em Porto Alegre mesmo antes de ser bispo. O vazio teológico aberto e não preenchido pelos Centros de Estudos Teológicos nunca foi aceito pelos principais líderes da igreja do sul, incluindo os bispos Egmont Machado Krischke e seu sucessor Arthur Rodolpho Kratz.

O sucesso do Seminário Diocesano de Teologia da Diocese Meridional levou o Sínodo a solicitar a JUNET que retomasse a discussão para o estabelecimento de um projeto de educação teológica provincial. A atuação de Junta foi decisiva, porque garantiu a preservação do patrimônio e a constituição de um fundo de educação teológica gerido por ela, cujos recursos são os que hoje a igreja utiliza. A dispersão da formação teológica e a dificuldade das dioceses de oferecerem um programa de qualidade acadêmica suscitaram novos debates no Sínodo, nos concílios e na própria

JUNET sobre a necessidade de um programa de formação teológica de nível superior, com curso de quatro anos e aulas regulares e diárias. E assim, aos poucos, o programa por extensão foi abandonado por causa do alto custo e pela falta de cultura do estudante brasileiro, e também pela dificuldade de estudo por meio de pesquisa e leitura sistemática, sem aula expositiva e sem a presença de um tutor.

A quarta fase histórica e a segunda fase nacional (1984-1996)

Na quarta fase histórica e início da segunda fase nacional, começaram os debates para a reabertura de um seminário teológico nacional e os projetos de formação teológica se estruturam. Mas havia ainda muitos problemas a resolver. A igreja tinha sete centros de estudos teológicos, que absorviam a maior parte dos recursos: Em Porto Alegre, havia o Seminário Regional de Teologia, que era um trabalho conjunto das duas dioceses do sul. Em Recife, se destacava o antigo Núcleo Anglicano de Estudos Teológicos, um modelo inicialmente complementar de estudos teológicos, que depois vai culminar no Seminário Teológico Anglicano de Recife. Em Santa Maria, no Rio Grande do Sul, o Centro de Estudos Teológicos da Diocese de Santa Maria (CETESMA) amadurece e se estrutura, oferecendo cursos para ministros leigos e bacharelado em teologia para pretendentes ao ministério ordenado. Em Brasília, o Centro Anglicano de Teologia (CANT) preparava agentes para o exercício da diaconia. Em São Paulo, o Instituto Anglicano de Estudos Teológicos (IAET), como núcleo complementar de estudos de disciplinas anglicanas para alunos oriundos de outras instituições, foi um importante espaço de reflexão teológica, chegando a ter uma extensão em Londrina, embora na capital a maioria dos alunos não fossem anglicanos, mas usufruíam dos recursos e da estrutura criadas para formar anglicanos. Em Pelotas, a diocese organiza seu Centro de Estudos Teológicos (CETEPEL), para capacitação de leigos e candidatos ao ministério ordenado. No Rio de Janeiro, funciona o Centro Anglicano de Estudos Teológicos (CAET), depois de um período de recesso para solucionar problemas com espaço físico, biblioteca e professores com pouco tempo disponível.

Não obstante todo esse esforço, houve um período em que a Junta Nacional de Educação Teológica foi duramente criticada, pois havia se afastado de seus propósitos, a educação teológica, tendo-se transformado em mero instrumento de aprovação e distribuição de verbas. O debate sobre a reabertura de um seminário teológico passou a ser o assunto do dia nos concílios e reuniões nacionais.

O resultado desse debate foi a criação, pelo Sínodo, em 1984, do Seminário Teológico Provincial, ou seja, a reabertura do Seminário Teológico da Igreja Episcopal do Brasil, em Porto Alegre, em nível superior e em regime residencial e com um programa de estudos de quatro anos. Com essa iniciativa, os projetos diocesanos de formação teológica iniciam sua quarta fase histórica e a segunda fase nacional, recebendo nova estrutura, com objetivo de melhorar o preparo espiritual e teológico do clero. Essa nova reformulação exigia uma instituição que contemplasse inclusive a

criação de um seminário residencial, com corpo docente de nível superior, sem prejuízo dos centros diocesanos de teologia, que funcionavam em quase todas as dioceses. Essas modificações foram frutos de decisões tomadas pela Junta Nacional de Educação Teológica, órgão responsável pela formação dos futuros ministros. O sistema descentralizado não havia proporcionado os resultados esperados e, por isso, a necessidade de um seminário residencial de expressão nacional era urgente.

O Seminário Teológico Provincial funcionou até 1998. Durante esse período, formou toda uma geração de clérigos e clérigas e retomou o compromisso original de uma vida comunitária centrada na espiritualidade eucarística. Adotou o modelo residencial, já que não havia outra forma de acolher estudantes de outras cidades. Demonstrou e exerceu sempre grande interesse na formação integral do futuro ministro ou ministra, seja na vida acadêmica, seja na vida piedosa como exigência do exercício do ministério. Este processo formativo era desenvolvido pela existência de uma capelania e pela presença de um apoio psicológico e uma coordenação pedagógica, além de uma reitoria e diretoria administrativa.

Como forma de servir toda a igreja, publicou uma série de textos teológicos de autores anglicanos, chamada *Partilha Teológica*, programa que o Centro de Estudos Anglicanos continuou com as *Reflexões* e mais recentemente com a revista *Inclusividade*. Prestou também assessoria teológica aos Centros Diocesanos de Teologia, por meio da presença de professores que ministravam seminários ou cursos intensivos. Promoveu ainda as Jornadas Teológicas do Clero, destinadas inicialmente ao clero e depois abertas à participação leiga em geral. Com estas e outras atividades, o Seminário Teológico Provincial cresceu e melhorou sua vida acadêmica, sua vida espiritual, seu programa de estágio, sua relação ecumênica e sua partilha com outras instituições, inclusive no corpo discente. Mesmo tendo escrito uma história acidentada, tortuosa, de altos e baixos, podemos dizer que é com certo orgulho que o Seminário Teológico chega vitorioso ao limiar de seu primeiro centenário, que será comemorado em meados de 2003, em contraste com a Faculdade de Teologia da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil, que comemorou recentemente 50 anos de ensino teológico.

A quinta fase histórica e o nascimento do CEA (1996-2002)

Como era de se esperar, começa na igreja nacional um processo de avaliação do modelo provincial de educação teológica, tendo como combustível gerador os recursos financeiros que eram substancialmente absorvidos pelo Seminário Teológico. A validade de um seminário nacional foi questionada, pela impossibilidade de servir toda a igreja. Uma consulta para avaliar a questão foi convocada. O assunto já vinha sendo estudado desde 1995. Havia um consenso na Câmara dos Bispos e na própria Junta Nacional de Educação Teológica de que a preparação básica para o ministério ordenado devia ser uma atribuição das dioceses; que os Centros de Estudos Teológicos deviam receber mais recursos; e que a JUNET devia subsidiar a tarefa teológica diocesana por meios dos Centros Estudos

Teológicos, os quais deviam também oferecer cursos de extensão e de pós graduação. Isso significou o fechamento do Seminário Teológico nacional em 1998, passando a ser regional. A formação teológica básica ficou sob a responsabilidade de cada diocese. Criou-se em substituição ao Seminário nacional o Centro de Estudos Anglicanos (CEA) que assumiu a estrutura administrativa, financeira e patrimonial do antigo Seminário Teológico. Administrativamente subordinado à Secretaria Geral da Igreja Episcopal Anglicana do Brasil, o CEA recebeu autonomia planejar e executar os programas e projetos por ele definidos com o apoio imprescindível da Junta Nacional de Educação Teológica. Ao lado do CEA atuam hoje os centros de estudos teológicos diocesanos e dois seminários provinciais, um em Porto Alegre e outro em Recife.

O debate sobre a formação teológica do clero foi, é e será sempre um processo contínuo e polêmico. A implantação de novas dioceses e distritos missionários cria novos desafios que empurram a igreja nessa caminhada de avaliação e discussão de seu futuro. E a expansão missionária por sua vez exige novas demandas por formação teológica em outras regiões. A igreja não terá certamente recursos suficientes para criar nove ou dez centros de formação teológica, academicamente aparelhados e qualificados. Por isso, fala-se hoje em três grandes centros de formação teológica: sul, centro e nordeste. Resta esperar que a igreja aprenda as lições da história para não repetir os erros do passado, e que possa avaliar com profundidade e seriedade sua caminhada e encontrar respostas adequadas à capacitação teológica de seus ministros.

CRONOLOGIA

- 1903 – Aberto em Rio Grande com oito alunos.
- 1908 – Fechado em Rio Grande.
- 1920 – Reaberto em Porto Alegre.
- 1933 – Fechado em Porto Alegre por falta de alunos.
- 1935 – Reaberto em Porto Alegre.
- 1940 – Construído prédio próprio em Porto Alegre.
- 1950 – Fase de consolidação e excelência.
- 1963 – Construção de novo edifício em São Paulo. Os estudantes publicam a revista *Diálogo*, primeira publicação dedicada à reflexão teológica.
- 1964 – Transferido para São Paulo, onde acolhe também as estudantes da Casa de Santa Hilda, fundada em 1960, que preparava moças para trabalhar como obreiras leigas em educação religiosa.
- 1965 – Autonomia administrativa da IEAB
- 1968 – Início do sistema descentralizado de educação teológica.
- 1969 – Criados núcleos descentralizados nas dioceses.
- 1972 – Fechado em São Paulo, devido à depressão econômica da igreja.
- 1977 – Criado o Seminário Diocesano de Teologia em Porto Alegre.
- 1979 – Apoiado pela Diocese Sul Ocidental, o Seminário Diocesano de Teologia se transforma em Seminário Regional de Teologia.

1984 – Sínodo transforma o Seminário Regional de Teologia em Seminário Nacional, com sede em Porto Alegre, para servir toda a igreja, sob a administração da Junta Nacional de Educação Teológica.
 1985 – Reaberto como Seminário nacional em Porto Alegre
 1996 – Nasce o Centro de Estudos Anglicanos
 1998 – Seminário encerra sua terceira fase nacional
 1999 – Reabre como seminário regional para atender as três dioceses do Sul: Meridional, Sul Ocidental e Anglicana de Pelotas.

REITORES

1903-1906 – William Cabell Brown
 1907-1909 – John Gaw Meem
 1920-1927 – James Watson Morris
 1928-1933 – Ernesto Arnaldo Bohrer
 1935-1936 – Raymond Eugene Fussle
 1937-1946 – William Mathew Merrick Thomas
 1947-1954 – Orlando Batista
 1955-1958 – Roy Edwin Sommers
 1959-1960 – Egmont Machado Krischke
 1961-1966 – Henrique Todt Junior
 1967-1968 – Nataniel Duval da Silva (presidente do colegiado)
 1969-1971 – Odilon Silva
 1971-1972 – Dirson Glêncio Vergara dos Santos
 1985-1986 – Carlos Getúlio Hallberg (segunda fase nacional)
 1987-1988 – Luiz Caetano Grecco Teixeira
 1989-1990 – Elizabeth Daniel
 1991-1992 – Patrícia Ann Powers
 1998-1999 – Carlos Getúlio Hallberg e Orlando Santos de Oliveira
 2000-2002 – Carlos Getúlio Hallberg
 2003 – Dom Luiz Osório Pires Prado

FONTES BIBLIOGRÁFICAS

Krischke, G. U., *História da Igreja Episcopal Brasileira*, Rio de Janeiro, 1949
 Silva, N. D. da, *A Igreja Militante*, Publicadora Ecclesia, Porto Alegre, 1966
 Kickhofel, O., *Notas Para Uma História da Igreja Episcopal Anglicana do Brasil*, Projeto Memória, Secretaria Geral da IEAB, Porto Alegre, 1995
 Oliveira, O. S. de, *Histórico da Educação Teológica na IEAB*, maio de 2002
 Atas da Convocação de 1894
 Atas da Convocação de 1895
 Estandarte Cristão, junho de 1903
 Atas do 23º Concílio, 1921
 Informações do Seminário, abril de 1970
 Informações do Seminário, setembro de 1970
 Revista *Diálogo*, Primeiro Semestre de 1963
 Atas do 14º Concílio da Diocese Central, 1969